



Contra a guerra e o fascismo

O fascismo ameaçou já, em Espanha e na China, a reedição da tragédia de Agosto de 1914. O povo português deve juntar os seus esforços aos que lutam por aniquilar os sinistros intuitos do fascismo, unindo-se como um só homem e lutando pela Paz e pela Liberdade!

Está provado que o «atentado» de 4 de Julho não passa duma grossa maquinação do fascismo português.

Nun escrito cheio de humorismo, Fialho de Almeida aconselhava em «Os Gatos» o rei D. Carlos a «deixar-se chumbar». «Reis que não gramam chumbadas do povo são como as cigarreiras que não apanham cascudos dos amantes, umas lesmas a cuja existência se perdeu o interesse». Todos os tiranos inventam atentados, quando precisam de consolidar o prestígio abalado.

Salazar já tinha uma menos má celebridade: a de verdugo. Faltava-lhe conquistar a de mártir.

Por acréscimo, protegido de Santa Isabel, como convinha a um beato.

Mas não só disso se tratava. Salazar é inacessível à glória — como diz.

E a glória, só por si, é pouco para as naturezas frias que albergam no peito ambições desmedidas. O fascismo preocupava-se com algo mais material — com a sua estabilidade. O fascismo deseja a morte que se aproxima, implacável; mas o fascismo é tenaz e tem apêgo à vida.

O atentado contra Salazar foi um «balão de oxigénio».

Como?

Salazar, o fascismo, começava a sentir o chão fugir-lhe debaixo dos pés. A sua política de intervenção em Espanha, monstruosa sob o ponto de vista humano, traiçoeira sob o ponto de vista nacional, provocara dissentimentos, discordâncias, indignação em todos os sectores da população, mesmo naqueles que outrora serviam de apoio a Salazar: no exército, na pequena e média burguesia, no funcionalismo. No proletariado acondera a revolta e estimulava o espírito de luta. Os pescadores do bacalhau, sem se importarem com a lei que proíbe as greves, mantêm um movimento de mais dum mês. Os camponeses assaltam os combóios de socorros aos fascistas espanhóis. Por toda a parte a organização ilegal cresce. O Partido Comunista reforça-se. A Frente Popular alarga-se. A Frente Única proletária adquire perspectivas de realização.

Mas não só a intervenção em Espanha abre uma fenda nas forças do apoio directo do fascismo e abala o apoio indirecto fornecido pela acalmia relativa da luta das massas.

O problema da defesa das colónias, ou melhor, o problema da não

defesa do «império colonial» ante as ambições coloniais alemãs, já há mais tempo provocara o rompimento de certos grupos monarchicos, como o exprimiu a famosa carta de Paiva Couceiro contra Salazar.

Mais recentemente, as machadadas mal disfarçadas contra a «aliança inglesa»; a submissão ao eixo Berlim-Roma que fez de Portugal um instrumento da política hilleriana; o rebaixamento do Exército pela criação da «Legião Portuguesa» e a bem clara preparação da guerra

civil, levada a efeito duma forma fria e metódica — tudo isso provocara uma cisão que ameaçava tornar-se cada vez mais funda no campo do fascismo. O exército começara já a manifestar-se. São conhecidas as declarações do general Morais Sarmento.

Enfim, a posição do Salazar perigava, o fascismo perdia adeptos. Era preciso reagrupar todas as forças, trazer ao rebanho as ovelhas transviadas, disparando ao

mesmo tempo uma nova ofensiva contra o movimento anti-fascista, em desenvolvimento em todo o mundo.

Era preciso convencer o exército e a pequena e média burguesia que Portugal estava sob a ameaça da Internacional Comunista. Por outro lado, o «atentado» justificava a preparação da guerra civil e a passagem á guerra aberta contra a Espanha.

E assim se fez o «atentado». A melhor prova de que o «atentado» se destinava a criar o ambiente necessário á reagrupação das forças é fornecida pela artificialidade das manifestações chamadas «espontâneas».

Como se sabe, todas estas manifestações são organizadas pelo governo com o maior impudor. Certos funcionários que se recusaram a assinar telegramas de felicitações foram presos; os jornais que não «felicitarão» Salazar foram suspensos, etc.

O «atentado» foi desta arte mais uma forma de enganar o exército, a pequena e média burguesia, o funcionalismo.

Estas camadas da população que mais uma vez foram ludibriadas por Salazar, têm o dever de abrir definitivamente os olhos e de enveredarem pelo verdadeiro caminho de salvação nacional.

Não é na neutralidade da guerra de Espanha que está o perigo de Portugal! O perigo está na intervenção que nos conduz á guerra!

Não é na aproximação com as democracias que querem a paz que está o perigo de Portugal — o perigo está na submissão á Alemanha e á Itália que invadem a Espanha e sonham arrebatam as colónias portuguesas e reduzir Portugal a uma colónia!

O perigo de Portugal está na existência dum governo de traição nacional que leva o nosso país á ruína económica, á decadência intelectual, á escravização nacional e á guerra.

É tempo de decidirdes.

Se quereis salvar Portugal, se quereis um Portugal livre e feliz, o vosso lugar não é ao lado de Salazar, é ao lado das forças da Democracia e da Paz.

Lutai contra o governo de traição nacional de Salazar!

Lutai contra a intervenção de Portugal em Espanha!

Reforçai as forças da Paz e do Progresso!

Integrai-vos no movimento dos que lutam por um PORTUGAL LIVRE E FELIZ!

II

REFORCEMOS E ALARGUEMOS O MOVIMENTO DA FRENTE POPULAR

No artigo anterior chegámos á seguinte conclusão:

«Para que a Frente Popular possa considerar-se justamente a Frente Popular portuguesa e para que possa preencher amplamente a sua missão, precisa de realizar as seguintes condições»

- 1.º — Estender a união já existente entre as várias organizações anti-fascistas ás largas massas da população laboriosa do nosso país.
- 2.º — Desencadear um largo movimento de luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Independência de Portugal.

É evidente que a unificação do povo português e o desencadear dum forte movimento de luta pelos objectivos da Frente Popular não pode obter-se se o povo português ignorar o que é Frente Popular, quem a constitui e que tática adopta para a consecução dos seus fins.

Ora é esta a situação real que existe no nosso país. É certo que se disse que a «Frente Popular Portuguesa é a coligação das forças anti-fascistas que pretendem derrubar a Ditadura Fascista». Mas isto não basta, tanto mais que nós vivemos num país onde o povo é enganado constantemente pelo fascismo, que calunia a Frente Popular, desvirtuando-lhe a sua natureza e os seus fins.

Para que as largas massas possam confiar na Frente Popular para que as suas directivas tenham a possibilidade de serem aceites e materializadas, é preciso que as massas saibam que os Partidos e os dirigentes políticos que lhes inspiram confiança fazem parte da Frente Popular. Só assim, também, se demonstrará que a Frente Popular não é o que o fascismo propala mas sim a união de todos os portugueses que amam e querem engrandecer Portugal, tornando-o livre e feliz.

Em segundo lugar, é indispensável que a Frente Popular explique concretamente ás massas da população laboriosa o que é preciso fazer e como fazer, para a criação das condições indispensáveis para o derrubamento da Ditadura fascista.

A publicação imediata dum documento que defina o que é a Frente Popular, quem a constitui, quais os objectivos que se propõe atingir e por que meios, documento esse que será assinado por todas as organizações aderentes á Frente Popular e pelas personalidades que gozam de prestígio pessoal, no nosso país — exceptuando, claro está, quem, por questões de conspiração, não estivesse em condições de o fazer. A publicação dum tal documento valorizaria consideravelmente a Frente Popular, seria o ponto de partida para uma mais ampla agrupação de forças e para a organização da luta que constitui a essência da Frente Popular.

Sem deixar de empregar todos os esforços para que o Comité Coordenador da Frente Popular, de acordo com as organizações aderentes, leve a bom termo esta sugestão, o Partido Comunista procurará, per intermédio do AVANTE e da sua organização, explicar o que é e como organizar o movimento da Frente Popular pelo Pão, pela Liberdade, pela Paz e pela Independência de Portugal.



COMO VIVEM OS TRABALHADORES

(COLABORAÇÃO DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

EM ALHANDRA

SOCIEDADE TEXTIL SUL
Temos aqui como Director um sr. Horta que veio há pouco tempo administrar esta empresa e que começou os seus esplêndidos trabalhos da seguinte maneira:

- 1.º— Dando ordens aos chefes das oficinas que tenham sob as suas ordens mulheres ou jovens que a mais leve falta cometida os castigasse com uma ou duas bofetadas.
- 2.º— Proibiu que nenhuma mulher ou rapariga, mesmo à hora de descahço, possa vir de braço dado no recinto da fabrica. As que forem encontradas assim, serão castigadas com um ou dois dias de suspensão.
- 3.º— Foi, também, determinado por esse facinora que nenhum operario ou operaria possa dirigir a palavra dum para o outro durante as horas de trabalho. Quem o fizer é castigado conforme a vontade desse celebre director.
- 4.º— Tocando o apito às 5 horas da tarde, somos obrigados a ouvir uma prelecção desse sr. Dinis sobre todos esses assuntos e mais alguns, assim, como por exemplo: as mulheres só podem ir, durante as primeiras 4 horas de trabalho, duas vezes à retrete, dizendo elle que é sufficiente uma mulher ir durante o dia de trabalho 2 ou 3 vezes à retrete. E uma mulher é obrigada a consentir tudo isto, para ganhar, o maximo e de empreitada, uns tristes 25\$00 ou 30\$00 por semana, quando não são apenas 8\$00 ou 9\$00 por as peças não darem o despacho preciso e as jovens de 10 a 13 anos, quando de jornal, ganham apenas 2\$00 ou 2\$50 e, quando de empreitada, durante toda a semana, ganham 10\$00 ou 12 escudos, quando não são 6\$00 ou 7\$00.

Camaradas, organizemo-nos para defender os nossos interesses!

FABRICAS DE CERAMICA

Existem aqui cinco fabricas, trabalhando apenas no verão. No inverno abrem só para saír a mercadoria. Os salarios são de 2\$50 ou 3\$00 para os jovens e de 10\$00 para os homens, trabalhando as mais das vezes mais de 8 horas debaixo dum sol ardente, como o dos últimos dias, e ainda, quando os fornos acabam de cozer o teijolo, a telha, ou qualquer dos artigos de cerâmica, são levados aos ombros dos jovens, ainda bem quentes, a escalear, e quasi sempre a correr, para enfornar de rovo e tornar a lancar fogo aos fornos antes deles arrefecerem.

Amigos do Partido

Em boa hora	50\$00
Ulho Novo	5\$00
Telefone	8\$00
Espartaco	2\$50
Chabi Pinheiro	20\$00
Pacovia	10\$00
R. Centa Nova	2\$50
Um leitor do Av.	5\$00
Um grupo Acta	64\$00
Amigos Liberdade	10\$00
TOTAL	177\$00

A TODO S GUENTI DI CABU BERDI

Djá nhóss sábe qui ná Tarráfal, pertu di Tchombem, stá um culónia pénal. Lici séntu cu cingenta i döss présu sófrê tudu, cuza qui um omi rúnhu i salbaji crê. Ess'omi é Manuel dos Reis, capitón má-lágueta, nómi qui todo's guenti tá tehómál. Ess'omi cá omi. El é más piór qui tibarón. El tá furtá présu, tá furtá todo guenti qui tá bendel óbo, galinha, banana, laranja i tudu cuza; el tá furtá gubérnu comércianti i alfândiga. El tá dá bafatada ná omi bédju. El tá mal-tratá prézu. Ess cá guenti rúnhu; éss é trabadjador sima nhóss. Na sêss terra éss stábá tudu dia ná fabrica, ná câmpu a cavá terra qui cá dëls, ná boti á pesscá — péchi qui cá pá éls ná nabiu sepri cu-rosstu cárrégadu di suór. Elss stá prézu purqué éss á crê qui ricu trá cuzé qui é di pobri. Elss crê qui todo's guenti tené di comê. Elss lutá cóntra gubérnu di Salazar purqué el prótéjê ricu, prótéjê Bâncu Nacional Ultramarinu i todú aquélss qui tá éssplorabu.

Nhóss ódjá éss cuza: Bâncu é dono di Cabu Bërdi, Bâncu é inimigu di todos. Comerciante qui cá stá ná pedra, quanti's nhóss conchê ná nhóss terra? Culpa di quem é? E di Salazar i di Gubernador, capitón Figueiredo!

Si Cabu Bërdi éra gubërnadu pur cabubërdianu, pur nhó s mésmu, nhóss cá tinha di pájá tantu dinheiro pá Salazar comprá sspingarda pá matá trabadjador i pá guarda prézu. Prézu qui sstá ná Tarráfal crê ná Gubërnú di Cabu Bërdi ómi di terra di nhóss. Quém sábe cuzé qui nhóss mësstê? Nhóss mésmu. Si Salazar cá dexá nhóss gubërná Cabu Bërdi, é purqué el flá qui bráncu bálê más qui nhóss.

Má nhóss qui é comunista, nhóss tá flá: «Brancu, prétu i mulatu, nhóss éss tudu ómi, sangui di todo nhóss é brumédju, nhóss tené coraçón qui sófrê, nhóss fêné fidju cu fómi. Cá brancu qué inimigu di prétu Ricu é qué inimigu di nhóss todo's».

Prézu di Tarráfal é amigu di nhóss. Djá elss ódjá lágrima ná rósstu di nhóss, quando nhóss tá ódjá éss cu pedra ná ómbru. Elss tá pidí nhóss pá sserêbê a todo trabadjador di Cabu Bërdi i pá flá qui éls sábe qui nhóss é sê amigu, nhóss é sê irmum di sufrimentu.

CERAMICA LUZITANA

Esta fabrica, camaradas, de que são directores Julio Martins e Augusto Tavares, tem lá operários a ganharem 7\$00 trabalhando como negros e ainda por cima são maltratados. Á hora do almoço até mete pena ver aqueles desgraçados alagados em água sentados pelos passeios a comerem pão seco porque o ordenado não lhes chega para mais. Os patrões ainda dizem que eles são mandriões; em algumas secções são tratados como carneiros dando-lhes roda de camelos e ursos.

As mulheres ganham 4\$50 e 5\$00 fazendo o serviço dos homens; o bandido do encarregado geral obriga-as a puxar ao carro de teijolos, castigando-as por qualquer coisa.

Tambem lá existem garotos de 12 a 18 anos a ganharem 2\$50 e 3\$00 fazendo serviços pesados de mais para as suas forças.

A fabrica tem uma cantina onde as coisas custam mais caras do que cá fora e onde os operários são maltratados pelo chefe de cantina Antonio Lourenço David e pelo ajudante, o Ganso. Os operários comem só o que eles quereim.

Se tem peixe retardado não vendem outra coisa enquanto se não comprar o peixe todo.

E no meio de toda esta exploração, o encarregado geral, Augusto dos Santos, anda sempre metido pelos cantos a espiar o pessoal, para lhes applicar multas, dias de

FÁBRICA DE PARAFUSOS PROGRESSO (ALCANTARA)

Os proprietários desta fabrica são legionarios. Outro dia despediram sete operários antigos e substituíram-nos por seis legionários e um rapaz da Mocidade Portuguesa.

Camaradas: isto marca o início

ALCOCHETE

Dias de Sousa, legionario da Brigada Naval, tem ao seu serviço muitas centenas de cavadores, descarregadores de carvão e trabalhadores de sal. Estes ganhavam 9\$00. Viviam num tal grau de miséria que há dias resolveram pedir 12\$00 de salário, o que lhes foi recusado. Puzeram-se em greve, resolvidos a não trabalhar enquanto lhes não dessem os 12\$00.

Foram chamados socorros a Setúbal, donde veio guarda-republicana com metralhadoras e policia de informação. Os guardas quando chegaram e viram tudo socegado, perguntaram: — «Mas, afinal, para quem devemos atirar?» — «Estão em greve, são comunistas», responderam-lhes.

O sindicato foi selado. Os trabalhadores enviaram uma comissão sua ao I.N.T. onde apresentaram as suas reclamações—12\$00 de salário—falando ali da situação de fome e miséria em que se encontravam. O I.N.T. deu ordem para que lhes fossem pagos os 12\$00. Dias de Sousa pretendeu então que os homens trabalhassem mais uma hora. Os homens recusaram-se e mais uma vez apelaram para Lisboa. Aqui cederam novamente e seguiu outra ordem para que fosse pago aquele salario com o horario de trabalho que estava determinado suspensão e despedimentos.

Camaradas: Unamo-nos e organizemo-nos para nos defendermos desta quadrilha que nos explora!

Imposto profissional

Um dos nossos camaradas cujo nome não é preciso citar, encontra-se desempregado desde 1933, foi colectado no Jito fundo do Desemprego em 1934, sendo intimado em 1935 «sob ameaça de lhe ser feita uma penhora aos seus moveis» a comparecer na Junta da sua freguesia, mas com a IMPORTANCIA de 24\$90 para pagar o IMPOSTO DE TRABALHO de 1934 (obra do fascismo.)

Como se compreende isto, pagar por ter o trabalho de procurar trabalho?

E assim que Salazar enche o cofres do Estado. Em vez de lhes darem trabalho ou darem auxilio aos desempregados, ainda por cima os rouba descaradamente!

Camaradas: Alerta. Se nos opusermos corajosamente faremos cessar esta maldita exploração. Len.

Cautela com eles!

Amorim — Legionário, da Informação e encarregado dos maquinistas que trabalham com os guindastes eléctricos, da Administração do Porto de Lisboa, no caes de Santos; frequenta a praia de Pedrouços onde tem uma barraca com as côres do «Belenenses»

Joaquim Abrantes — Travessa da Cova da Moura, 21 Rés do Chão Esquerdo, bufo da Policia.

CRUZ VERMELHA DA F.P. ESPANHOLA

A.F., Vasco, Y, Manga-da, Miaja, Balbino, An.F., José (a 2\$50)	20\$00
Kropotkine, A. anónimo, X., A.VI., S.F. (a 1\$00)	5\$00
João	3\$50
P.M.	2\$00
E Ivó	50\$00
Do Valentim	20\$00
Lista n.º 420	27\$00
Lista n.º 413	26\$50
TOTAL	154\$00

Politica de traição nacional

Continuado da 3.ª pagina

fornecimentos que precisava.

Quando as negociações pareciam ir em bom caminho, essa comissão recebeu ordem do governo do seu país para suspender as conversações e regressar immediatamente.

O governo tcheco-slovaco descobriu a tempo que as armas não eram para a exercito português, mas sim para serem enviadas a Franco.

Salazar bufou de indignação — tinham-lhe descoberto o jogo e retorquiu da maneira que se viu cortando as relações comerciais.

Esta attitude do governo de Salazar reforçará ainda mais o isolamento em que Portugal se encontra — para lucro exclusivo da Alemanha e da Italia.

Chama-se a isto politica de TRAIÇÃO NACIONAL!

ASNEIRAS dos salazaristas

Há meses, o delegado português no Comité de Londres, apresentou uma longa exposição contra a U.R.S.S.

Não tendo argumentos próprios, baseava-se em afirmações de certo obscuro jornalista brasileiro e das notícias do «Matin»!

O delegado soviético chuchou, sem piedade, do pobre delegado português. Elogiou-o, irónicamente, por saber aproveitar a rara ocasião de fazer figura na arena internacional, botando discurso, em Londres. Disse-lhe que merecia, alguns valores — mostrara ser um colegial aplicado. (Os delegados não ocultavam o riso e o alvejado corava). Sómente um senão — prosseguia o delegado soviético — o arrazoado do delegado português tinha trinta e tal páginas, o que não se usa nas praxes diplomáticas. Depois, fazer um memorandum com transcrições do «Matin» — era ridículo!

O representante do fascismo salazarista sofreu um mau quarto de hora, safu do Comité vexado e escarneado. Mas não teve emenda. Voltou a fazer asneira. E de que havia ele de se lembrar? De dizer que o governo soviético não era um governo legítimo (sic) mas um governo de força! Que o governo soviético não tinha importância, que se podia passar sem a participação soviética... Isto parece inventado, mas é verdade, são os próprios jornais portugueses que publicam o discurso.

Claro está que os fascistas portugueses sabem que o tal país sem importância tem 170 milhões de habitantes, ocupa a 6.ª parte do globo e marcha à cabeça do mundo nas artes, nas ciências, na indústria.

Mas que fazer? Era preciso re-presentar o papel que Hitler distribuiu à diplomata portuguesa para poupar Ribentrop (já tão má figura).

Resultado. Veja-se como «Le Temps» de 28 aprecia a intervenção do delegado português: «O delegado português tomou parte nos debates para declarar que estava de acordo com tudo o que fôra dito dum e doutro lado».

Isto é, segundo «Le Temps», o delegado português «era dessa opinião e da contrária»...

E dizem os jornais que Portugal está prestigiado no estrangeiro!

Política de Traição nacional

O governo de Salazar cortou as relações comerciais com a Tcheco-Slováquia. Isto admirou muita gente, não sabendo as razões que levaram o fascismo português a uma atitude tão violenta.

A Tcheco-Slováquia é uma nação democrática e progressiva, com uma grande indústria, destacando-se a indústria de guerra como uma das mais importantes da Europa.

Salazar que anda apressadamente a rearmar o exército e a armar a legião, Salazar que é um dos mais activos fornecedores de armas para os fascistas espanhóis, conseguiu uma comissão de técnicos das fábricas tcheco-slovaca a vir a Portugal, para negociar com ele...

Continua n.º 2.ª página

A CGT contra a unificação da classe operaria

O último número de «A Batalha» deu um novo retoque à tática, muito particular, que a C.G.T. tem seguido, no que se refere às questões de «unidade». Consiste essa tática em proclamar em altos gritos: «Viva a unidade!» ao mesmo tempo que, praticamente, lhe aperta o pescoço.

Vejamos rapidamente qual tem sido a posição assumida pela CGT nas várias etapas do desenvolvimento da atividade pró-unificação da classe operaria:

Princípios de 1936:— Proposta da C.I.S. para a constituição duma nova C.G.T. que não fosse nem anarquista nem comunista — condição essencial para que a ela pudessem aderir os trabalhadores das várias tendências existentes no nosso país. A CGT recusa, proclamando que só aceitará a unificação desde que esta seja feita dentro da actual C.G.T.

Fevereiro de 1937:— O Partido Comunista, para aplanar dificuldades e dando mostras dum grande espírito de transigência, propõe a unificação dos sindicatos ilegais em volta da antiga C.G.T. sobre a seguinte base:

a) Adopção de um programa de luta em volta do qual se pudessem mobilizar os trabalhadores das várias tendências proletárias, isto é, um programa de luta com o qual todos estivessem de acordo: luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores; luta contra a intervenção do fascismo em Espanha; auxílio ao povo espanhol; luta contra a guerra e contra o fascismo.

b) Reconstituição dos órgãos dirigentes da C.G.T. de modo a ficarem nele representados os vários sectores proletários que na actualidade existem ilegalmente no nosso país. (Mais tarde a C.I.S. levou a sua transigência a aceitar que se começasse pela fusão dos organismos de base, desde que fosse seguida de eleições democráticas para todos os órgãos da C.G.T.)

De novo a C.G.T. recusa, apresentando como justificação «os estatutos», «as teses dos congressos», etc., etc. — como se os trabalhadores tivessem que subordinar os seus interesses ao culto feiço de «teses» e de «estatutos»

JOGAR COM UM PAU DE DOIS BICOS

Salazar brinca com a aliança inglesa, brincadeira que pode sair cara ao país. Faz-se um verdadeiro jogo de escondidas, afirmando-se e negando-se ao mesmo tempo coisas que são muito sérias.

Num «Diário de Notícias» de há dois meses, quando nesse jornal e em toda a imprensa fascista se insultava a Inglaterra e a sua política, aparece, perante o espanto de toda a gente, um artigo de fundo de louvores à Inglaterra e de elogio e defesa da aliança. Passa-se pouco mais dum mês e surge o «tentado-bluff». E o discurso, que já devia estar preparado, que Salazar faz aos estados-maiores do Exército e da Marinha, é de simpatia pela Inglaterra e de profissão de fé na aliança inglesa.

Ao mesmo tempo um dos seus lug-res-tenentes, o Botelho Moniz afirmava ao microfone do Rádio Club, que tinha provas que o atentado era obra de «Intelligence Service», a policia secreta inglesa.

E o «Noticias» que publicara o

que foram aprovados em épocas totalmente diferentes da juela em que vivemos.

No fundo, a posição da C.G.T. era e continua sendo esta: «ESTAMOS DE ACORDO COM A UNIDADE DESDE QUE VOCES SE DISPONHAM A VIR LUTAR PELO ANARQUISMO E SOB A DIRECÇÃO DOS ANARQUISTAS».

Em 29 de Maio, a C.G.T., talvez para pôr de parte as negociações pró-unidade, envia à C.I.S. e Sindicatos Autónomos um officio propondo a constituição dum «Comité» composto por um delegado de cada um dos organismos em questão (C.G.T., C.I.S. e Sindicatos Autónomos), o qual teria por fim congregar a acção revolucionária que estes organismos possam desenvolver contra o fascismo.

A C.I.S. responde imediatamente, dizendo estar absolutamente de acordo, embora, na sua opinião, não se devessem pôr de parte os trabalhos pela completa unificação das organizações sindicais.

O Partido Comunista, por intermédio do «Avante!» n.º 35, saudou com imenso jubilo este acontecimento.

Tudo indicava que a Frente Unica entre as três organizações se constituisse imediatamente. Pois foi o contrário que sucedeu.

Até então ainda se encontravam os delegados da C.G.T., C.I.S. e Autónomos para discutirem. Depois o delegado da C.G.T. que anteriormente «só podia aparecer uma vez por semana» mesmo quando havia problemas urgentes a resolver, deixou de aparecer por completo.

E isto depois dos graves acontecimentos de Almeria, em Espanha, que tornavam mais que nunca necessária a Unidade de acção das três organizações.

Ultima etapa, Julho de 1937:— A C.G.T. publica um número do seu órgão «A Batalha» contra o governo da República espanhola, contra o Partido Comunista Espanhol, contra a U.R.S.S., contra a Frente Popular anti-fascista, etc., número que parece ter sido feito para desfazer o pouco que se fizera no domínio da unidade.

(Conclui no próximo número)

O FASCISMO E A cultura nacional

Hitler fez queimar na praça pública todas as grandes obras da literatura alemã que não fossem fascistas.

Em Portugal, as obras primas da nossa literatura não se editam ou vendem-se a preços inacessíveis ao povo.

O povo ignora a verdadeira cultura nacional, desconhece o que há de mais belo e progressivo nas letras pátrias.

Mas o nome dos autores, o simples nome, causa pesadelos aos fascistas.

Era necessário proscrive-los. O povo não deve conhecer, por ex. m. plo, que existiu um Filho de Almeida que zurziu com mão de mestre a depravação do anti-patriotismo, a venalidade das classes dirigentes e descreveu em páginas amareloas, o esforço e o sacrificio dos que trabalham, como em «Os Ceifeiros».

Em Beja, havia um liceu com o nome do grande escritor alentejano, glória da literatura portuguesa. Um decreto do fascismo, acaba de riscar da fachada do liceu esse nome imortal. Doravante, o «Liceu Filho de Almeida», chamar-se-á «Diogo de Gouveia» que, para o fascismo, tem o mérito fundamental de ter sido padre.

Em vão o povo alentejano protestou; Filho de Almeida estava condenado...

Vulgarizar a obra do grande escritor e tornar como exemplo o seu espírito combativo tornando-o em nós organizado e consequente é a melhor resposta que podemos dar ao gesto do fascismo.

A EXPOLIAÇÃO DO FUNCIONALISMO

Os serviços da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, denominados Caixa Geral de Aposentações e Montepio dos Servidores do Estado, são a manifestação mais completa da espoliação da ditadura para com o funcionalismo, vítimas que, na sua maioria, são velhos e doentes.

Com as pensionistas, além das misérias que lhes pagam, tudo são pretextos para modificarem as condições de pagamento com exigências inesperadas, ou lhes suspendem o pagamento das pensões. Se as pobres reclamam, não são atendidas, são tratadas por forma incorrecta ou ainda como se fossem buscar uma esmola e não o resultado da previdencia.

Em Julho findo, sem aviso prévio, exigiram que as assinaturas fossem autenticadas pelas Juntas de Freguesia respectivas. Deu em resultado que o pagamento de numerosas pensões foi prejudicado e alterado para a data dos atrasados ou seja 10 dias depois! Muitas dessas mulheres são necessitadíssimas e esses magros escudos nem lhes chegam para comer! Avante-se, portanto, o que será a tragédia de um adiamento de 10 dias!

As Juntas de Freguesia exigem como mínimo por abonação de cada assinatura \$50, mas sabemos de uma pobre mulher residente na rua Morais Soares, a quem a respectiva Junta de Freguesia extorquiu \$500 pela abonação, alegando que era para os pobres da freguesia!!

Que pesadelo realizado sob o qual vive o Povo português!

A POLITICA DA NÃO INTERVENÇÃO

A política da não intervenção em Espanha não passou dumafarsa.

Contudo, apesar de violada constantemente, a não intervenção constituía de certa maneira um entrave para a Alemanha e para a Itália que queriam agir em completa liberdade quer enviando para Espanha armas e munições, quer enviando tropas sob o pomposo nome de «voluntários».

Os incidentes dos cruzadores Deutschland e Leipzig, o primeiro provocado pela própria Alemanha, o segundo inventado, serviram a Alemanha e à Itália para darem um gope de graça à política da não intervenção.

A Alemanha e a Itália rindo-se de todas as outras potências, apresentaram a grosseira artimanha da neutralidade com reconhecimento de beligerância aos dois partidos em luta.

Desta maneira seria abolida a fiscalização naval, que é a que mais tolhe os movimentos da Itália e da Alemanha, mantendo-se, ao mesmo tempo, a fiscalização da fronteira franco-espanhola.

Isto é manter-se-ia o controle sobre a fronteira ao mesmo tempo que a Itália e a Alemanha ficavam com as mãos livres!...

O reconhecimento da beligerância dava aos rebeldes a possibilidade de exercerem um controle marítimo no alto mar, ao passo que os republicanos ficavam privados dessa possibilidade por falta dum marinha de guerra numerosa.

Todas as nações reprovaram um plano tão descarado.

Todas, menos Portugal, claro está, que mais uma vez faz o frete aos seus patrões Mussolini e Franco.

A Inglaterra propôs-se, então, apresentar um plano que conciliasse a tese italo alemã com a dos outros países.

Resultou um compromisso que visava «harmonizar» os direitos de beligerância com a saída dos «voluntários».

A Itália e a Alemanha aceitaram «em princípio» o plano inglês, sob a condição de que a saída de «voluntários» se faça somente depois de concedido o direito de beligerância a Franco.

Sabe toda a gente que a Itália afirmou por várias vezes que os «voluntários» só sairiam de Espanha quando Franco quizesse.

A «aprovação em princípio» do plano inglês pela Itália e pela Alemanha constituiu por conseguinte uma nova farsa.

Só o governo soviético se opôs enérgicamente a esta farsa, recusando-se a reconhecer Franco, seja em que condições for, e exigindo a retirada das tropas estrangeiras, incluindo as tropas marroquinas.

O sub-Comité de Londres reuniu-se de novo para apreciar a situação.

Seja o que for que as potências resolvam, uma coisa é certa; o fascismo não abandonará jamais a intervenção se os trabalhadores não o impedirem pelas suas próprias mãos.

Tem pois a palavra... a acção unida de todos os trabalhadores, para que nem mais uma arma nem mais um soldado nem mais um quiló de provisões saia do nosso país para os assassinos do povo espanhol.

Que provocação prepara o fascismo?

Sabemos que os legionários têm recebido ordens para estar preparados para à primeira voz partirem para a fronteira; para onde, precisamente, a fazer o quê, não sabem.

Por outro lado sabemos que vários milhares de legionários se encontram já na fronteira onde os obrigam a abrir trincheiras.

Ao mesmo tempo o fascismo intensifica a compra de armamentos. Agora, acabam de chegar a Lisboa 100.000 espingardas inglesas. Para quem, para quê?

Para Franco, ou para levar Portugal à guerra aberta contra a Espanha?

Que provocação de grande estilo prepara Salazar?

Povo português, alerta! Não permitamos que o fascismo colabore no massacre do povo espanhol. Ergamo-nos como um só homem e imponhamos a nossa vontade!

Provas da intervenção do fascismo português na Guerra de Espanha

Publicamos algumas valiosas informações providas de fontes absolutamente seguras, que denunciam a infame participação do fascismo português no massacre do povo espanhol.

A Fábrica de dinamite da Trafaria, sucursal da «União de Explosivos Espanhola», com sede em Bilbao, está ao serviço dos fascistas espanhóis a quem fornece grande quantidade de dinamite. Antes da guerra espanhola, este estabelecimento funcionava com 14 operários, depois, em Julho de 1935 o seu número foi elevado para 87 homens e mulheres. Em 13 de maio, do corrente ano, por falta de dinheiro, despediram 66 operários. Mas logo, a 15 de Maio, chegaram a Lisboa, por avião, vindos de Burgos, 2 directores da «União de Explosivos Espanhola», os quais traziam a missão de conseguir dum casa bancária, com o aval do governo português, o numerário indispensável para que a fábrica da Trafaria pudesse trabalhar com mais intensidade. A 17 de Maio, o Banco Pinto & Sotto Mayor financiava já esta fábrica que empregou logo 85 operários e elevou a produção a 6 toneladas de dinamite por dia.

Desde Julho de 1936 até 11 de Julho de 1937 saíram desta fábrica, com destino a Huelva e Orense, 1.149 camionetas com dinamite destinada aos rebeldes. As camionetas são acompanhadas pelas policia de Segurança Pública e de Informações, todos à paisana, munidos de espingardas e pistolas metralhadoras. Temos uma nota detalhada indicando os dias em que saíram as camionetas que por falta de espaço não publicamos.

Canoas carregadas com dinamite, saídas da fábrica, de Julho de 1936 a 11 de Julho de 1937 — 47 com 53 toneladas. Esta dinamite é desembarcada no Barreiro e segue pelo caminho de ferro para a fronteira. Acompanharam esta dinamite, pela via fluvial, os guardas fiscais da Trafaria: Pinheiro, Figueiredo, Blasco e Santos.

Carregou, também, dinamite, em frente da fábrica referida, o veleiro «Anfrite 1», fazendo o carregamento fora do «quadro» das matérias inflamáveis, o que é vedado à navegação.

Como se faz em Portugal o recrutamento para as hostes de Franco

«Unir», no seu nº 2, publica uma entrevista do seu correspondente, em Madrid, com um dos muitos portugueses que combatiam nas hordas de Franco, e que foram feitos prisioneiros pelas tropas governamentais.

Esse artigo, que para maior veracidade, é ilustrado com a fotografia do entrevistado, é mais uma prova, a juntar a tantas outras, da intervenção aberta do fascismo português na guerra de invasão contra o povo espanhol.

Segue a transcrição:

«Chamo-me José Lourenço, tenho 28 anos, sou pedreiro e vivia em Lisboa na rua Sebastião Saraiya de Lima, 89-2º Dtº. Em 1930, fiz serviço militar em Artilharia 3. Encontrava-me há bastante tempo desempregado, até que em Dezembro do ano passado fui convidado para trabalhar em Badajoz no meu ofício. Aceitei e no dia 7 de Janeiro mandam-me ir ao Consulado de Espanha, na Avenida da Liberdade. Ali disseram-me que seguisse para Badajoz e lá fecharia o contracto.

«Os meses de negra miséria que vinha de atravessar, impeliram-me a aceitar a oferta e, no dia seguinte de manhã, embarquei em Cácihas onde de facto — conforme me haviam dito no Consulado — me esperava uma camionete. Eramos 25, mas só travei conhecimento

com 5 que iam à minha volta. Eram 2 electricistas, 2 pedreiros e 1 canalizador. Estávamos convencidos que iam trabalhar pelas nossas profissões.

«Chegámos a Badajoz às 2 horas da madrugada e o homem que nos conduzia deu 4 pesetas a cada um para comer. O referido individuo apareceu-nos 48 horas depois quando já nos encontrávamos cheios de fome, acompanhado por um sargento português que era maneta. A fome e o ambiente de terror que se respirava em Badajoz, transformaram-nos em autómatos e foi sem a minima reacção que tomamos logar noutra camionete que nos levou para Talavera de la Reina. Ao desembarcarmos, fomos acolhidos e tratados com brutalidade e só então compreendemos qual ia ser a nossa situação... Era já impossível fugir.

«Durante 20 dias, mal alimentados e sob as ordens de instrutores brutais, fizemos uma instrução militar intensíssima. Depois incorporaram-me na 29ª Companhia da 4ª bandeira do Tercio e mandaram-me para a Frente de Madrid. Entrei em 4 combates No dia 17 de Fevereiro, depois de termos recuado por 3 vezes, deixei-me ficar sentado na trincheira e entremei-me. Dos outros que vieram comigo, nada sei, e é pena que eles não estejam aqui, pois estavamos muito melhor.» Nem eu, nem

A CHINA CONTRA A INVASÃO JAPONESA

Há dias, um jornal republicano da tarde, afirmou que «a traição» dos generais chineses ao seu povo «culminou — agora, com a bravata de responder às agressões dos imperialistas japoneses».

Isto é um erro profundo que pode desacreditar a causa justa porque se bate o povo chinês.

Os dirigentes chineses do 29º Exército, que souberam tomar uma atitude enérgica, diante das agressões nipónicas, não fizeram mais do que agir em obediência ao espírito nacional, que na actualidade anima toda a China.

Presentemente, não existe um único ponto, na China, onde se não manifeste, com a mais viva intensidade, o movimento patriótico do povo chinês pela libertação da sua Pátria do jugo nipónico. Por toda a parte se realizam subscrições populares, em nome do 29º exército, para reforçar a defesa nacional; por toda a parte se fazem manifestações em que o povo exteriorisa a sua vontade de lutar até ao fim, contra o agressor estrangeiro — causador fundamental da miséria do povo chinês e do atraso da China.

Respondendo pela força das armas ao novo avanço das tropas japonesas no norte da China, o povo chinês toma a única atitude capaz de assegurar a defesa dos seus interesses e a integridade territorial da China que o Japão violou com a conquista da Manchúria, do Jehol e ameaça desfazer por completo, assenhoriando-se de todo o oriente asiático. O contrário, sim, seria uma traição. Mas o povo chinês não se limita a defender os seus interesses. Impedindo o reforçamento do imperialismo japonês, que é o principal futor da guerra mundial e uma das mais fortes barreiras da reacção, o povo chinês presta um enorme serviço à causa da Paz, da Liberdade e do Progresso.

Por isso, devemos apoiar inteiramente a causa justa do povo chinês e protestar contra as novas provocações do Japão na China.

«UNIR»

Com este título, começou a sua publicação, em 3 de Julho p.p., um semanário da Frente Popular Portuguesa, órgão dos anti-fascistas portugueses residentes em França.

Este jornal está chamado a desempenhar um importante papel na unificação dos anti-fascistas portugueses, não só dos que se encontram no estrangeiro mas também dos que vivem no nosso país, e, em suma, na unificação de todos os portugueses na luta pela libertação do nosso país do jugo do fascismo.

«AVANTE» saúda este acontecimento e endereça ao novo jornal anti-fascista, no número de cujos colaboradores efectivos se encontra o ilustre democrata dr. José Domingos dos Santos, as suas mais entusiásticas saudações.

«eles, nunca nos passou pela cabeça que nos queriam desgraçar.»

«Aqui sou bem tratado, como nunca o fui; mas em todo o caso, merecia que todos os dias me dessem uma sova por me ter deixado enganar tão inocentemente.

«Felizmente estou salvo. Paguei com o meu trabalho o carinho que todos me dispensaram.»